

Ensino Coletivo da Bateria

Uirá Nogueira de Barros Cairo
Universidade Federal da Bahia - UFBA
uiranogueira@gmail.com

Resumo: O Ensino Coletivo de Instrumento vem se tornando mais frequente nos dias atuais. Já é possível encontrarmos em diversas regiões do Brasil o ensino coletivo de violão, flauta, piano, violino, percussão, entre outros. Não é diferente com o ensino da bateria que historicamente se deu de forma individualizada e vem se renovando a cada ano com diferentes metodologias de ensino e aprendizagem. Este trabalho tem como objetivo justificar a importância do ensino coletivo da bateria para a Educação Musical, destacando os aspectos ligados ao desenvolvimento instrumental e social dos alunos através das interações que acontecem nessas experiências coletivas, influenciando diretamente no processo de ensino e aprendizagem dos envolvidos.

Palavras chave: Educação Musical, Bateria, Ensino Coletivo, Interações

Introdução

O ensino coletivo de instrumentos musicais tem crescido consideravelmente a cada ano. O aprendizado através da observação e posterior imitação, ou seja, das interações que acontecem entre os envolvidos revelam os benefícios dessa proposta pedagógica. Cruvinel (2005) afirma que “o ensino coletivo é mais estimulante para o aluno iniciante devido ao seu maior desenvolvimento em menos tempo de aula, em decorrência das técnicas utilizadas no ensino coletivo” (CRUVINEL, 2005, p. 78). Além disso, segundo TOURINHO (2007), um dos princípios de aprendizagem do ensino coletivo é:

(...) acreditar que todos aprendem com todos. O professor é modelo, quem toca com facilidade, enquanto que os demais colegas atuam como espelhos, refletindo (ou não) as dificuldades individuais do grupo. Assim é possível observar/comparar/avaliar a si mesmo sem necessidade de intervenções verbais explícitas (TOURINHO, 2007, p. 3).

A cada nova década, o número de bateristas cresce consideravelmente. Até os dias de hoje, surgem bateristas autodidatas e pessoas de todas as idades querendo iniciar os estudos em música. Assim, o ensino de um instrumento musical passou a ser de grande importância para a formação de grandes músicos brasileiros, além de contribuir para a Educação Musical do país. No entanto, ao longo de muitos anos o ensino da bateria se deu de forma individual

em contraponto com a experiência coletiva como argumenta Paiva (2004)

(...) a aprendizagem individualizada aqui referida é aquela que não estabelece conexões com a prática em conjunto. Dessa forma, a aplicação dos conceitos estudados em situações coletivas de prática musical deixa de ser proporcionada, não havendo a troca de experiências e a interação com outros alunos (PAIVA, 2004, p. 9).

O ensino individual da bateria trás para o aluno como referência apenas a figura do professor. O aluno, nesse caso, vivencia um ensino/aprendizagem de forma solitária não possuindo a companhia de um colega para interagir e compartilhar as aprendizagens e experiências como recurso adicional à hierarquia do poder que é naturalmente atribuída à figura do professor. Nesse caso, o aluno, sem um ou mais colegas, pode se sentir inferior diante da superioridade musical do tutor. Além disso, muitas vezes a figura do professor inibe o aluno causando um certo nervosismo e uma tensão dificultando o seu desenvolvimento. Como embasamento, e adentrando nas questões sociais que tratam do isolamento dos indivíduos, podemos nos apoiar nas palavras de Dias (2011) quando diz:

(...) na contramão desse panorama causado pela tendência acentuada à dissociação na sociedade contemporânea, gradualmente, vão surgindo alternativas para construção de novas sociabilidades, cumprindo assim o papel de estruturas de superação desse processo de individualização caracterizado pelo distanciamento e indiferença entre as pessoas...(DIAS, 2011, p. 26).

Como dito, mais recentemente tem crescido, no Brasil, a formação de novos grupos para o ensino e a aprendizagem coletiva da bateria.

Porque o ensino coletivo da bateria é importante?

A experiência adquirida ao longo dos anos como aluno e posteriormente professor de bateria estimulou um dos autores a aprofundar os seus estudos nessa direção. Durante anos pôde-se perceber as dificuldades como aluno no curso individual da bateria. O nervosismo e a tensão eram fatores prejudiciais no processo de aprendizagem gerando inibição diante da figura do professor, sobretudo no momento em que se percebia o alto nível instrumental do mesmo.

Na posição de professor, tanto as aulas individuais como as coletivas puderam proporcionar uma visão mais clara das duas formas de ensino. Lecionando tanto em escolas

específicas de música em Belo Horizonte com turmas individuais como em curso de extensão de uma Universidade Federal com turmas coletivas trouxeram ao professor subsídios importantes para investigar o desenvolvimento dos alunos através das duas formas de ensino.

Com essas experiências, pôde-se constatar vantagens do ensino da bateria em conjunto se comparado ao ensino individual. Dentre alguns desses benefícios estão a desinibição, a interação entre os alunos e a troca de saberes que costuma acontecer dentro e fora da sala de aula.

A importância do ensino coletivo é bastante significativo também quando se considera a importância de contemplar o maior número possível de pessoas, o que coaduna com a inclusão da música nas escolas, segundo determinação da Lei 11.769/08, considerando a quantidade de alunos por classe, o que tornaria impossível no ensino individual do instrumento. Portanto, entende-se que o ensino da bateria em grupo, nas escolas, proporcionaria uma oportunidade significativa para um número considerável de crianças que não teriam condições de pagar uma aula individual do instrumento.

Em se tratando de aspectos ligados à saúde física e mental, o entendimento dos benefícios desenvolvidos com o aprendizado coletivo do instrumento pode ajudar a estimular sensações de alegria, prazer, e auto confiança através da convivência com outros colegas. Swanwick (2003) trata desta questão, quando descreve a importância do trabalho em conjunto no projeto Tower Hamlets: “As crianças estavam adquirindo confiança e competência com os instrumentos, estavam cantando e tocando, ouvindo cuidadosamente, trabalhando juntas e valorando o fazer musical” (SWANWICK, 2003, p. 72).

Também, vale a pena ressaltar as aprendizagens que acontecem através das interações entre os alunos. Isso acontece claramente no momento em que eles observam o colega durante a execução no *practice pad*¹ por exemplo, ou no próprio instrumento. Segundo Vygotsky (1984), citado por Silva (2000) em seus estudos sobre a Zona de Desenvolvimento Proximal (ZDP), tanto o adulto, no caso o professor, quanto o colega mais experiente exercem importante papel no desenvolvimento do aluno, pois auxiliam nas dificuldades que o educando não consegue, de forma autônoma, superar. Na opinião de Freire (1981), "ninguém educa ninguém, ninguém se educa a si mesmo, os homens se educam entre si, mediatizados

¹ *Practice Pad* - O *Practice Pad*, ou *Drum Pad*, é um tipo de implemento percussivo utilizado por bateristas e percussionistas para aquecer-se em silêncio antes da performance ou praticar a literatura musical exercitando sua técnica.

pelo mundo” (FREIRE,1981,pg.79).

Além disso, destaca-se o processo de ensino/aprendizagem através das interações entre aluno x aluno e alunos x professor, como citado anteriormente, e alunos e plateia. Alunos que demonstram casos de timidez e dificuldades de convivência com outros colegas, se beneficiam socialmente através de relações estabelecidas no ensino coletivo. Essas interações promovidas pelas aulas em conjunto tornam possíveis novas e diferentes sociabilidades, até mesmo com o público. Segundo Cristina Tourinho (1995),

(...) os estudantes são menos tímidos nos primeiros contatos com o público, visto que a exposição constante ao julgamento mesmo que silencioso dos colegas diminui a inibição das “audições” e provas de fim de semestre (TOURINHO, 1995, p. 187).

A interação que acontece na aula coletiva, além da contribuição no crescimento musical, oferece oportunidade aos alunos de vivenciarem uma socialização enquanto grupo, que servirá de experiências em bandas, em orquestras, música de câmara, prática coral e nas diversas formações sociais.

Enquanto grupo, os estudantes aprendem a liderar e a serem liderados, experimentam o trabalho coletivo no sentido de aprender a trabalhar juntos e também ficam motivados a buscarem mais conhecimento em práticas instrumentais, livros e recursos tecnológicos quando percebem o desenvolvimento dos seus colegas. Para Gohn (2003),

A prática musical usualmente requer algum tipo de interação, seja entre músicos, entre o músico e uma plateia ou entre o músico e aparatos tecnológicos. O sujeito que não possui as habilidades interpessoais necessárias terá dificuldades em estabelecer e conviver com essas interações (GOHN, 2003, p. 47).

Portanto, a interação entre os alunos pode contribuir de modo significativo a acelerar desenvolvimento musical através das trocas de saberes e experiências vividas pelos envolvidos. Segundo Paiva (2010), “através do coletivo, os estudantes trocam suas experiências e vivências musicais, adquirindo e construindo o conhecimento tanto a nível individual quanto de grupo” (PAIVA, 2010, p. 31).

Reflexões Finais

Assim, podemos concluir que o ensino coletivo da bateria pode trazer benefícios

de ordem musical, social e humano para os estudantes. O incentivo para que novos alunos queiram aprender um instrumento musical, a motivação aos bateristas para se aprofundarem nos seus estudos, a sociabilidade e a troca de saberes são aspectos de destaque dessas benfeitorias.

Portanto, o valor dessas relações estabelecidas entre os alunos e demais envolvidos nas várias formas de ensino-aprendizagem musical, podem ser evidenciadas nas trocas de saberes musicais, de informações técnicas sobre o instrumento e o mercado de trabalho, no compartilhamento de experiências vividas e contatos para futuros encontros musicais e sociais.

Referências

CRUVINEL, Flávia Maria. Educação Musical e Transformação Musical: uma experiência



XII Encontro Regional Nordeste da ABEM
Educação musical: formação humana, ética e produção de conhecimento
São Luis, 29 a 31 de outubro de 2014



com o ensino coletivo de cordas. Goiânia: Instituto Cento-Brasileiro de Cultura, 2005.

FREIRE, Paulo, *Pedagogia do Oprimido*. 9 ed., Rio de Janeiro. Editora Paz e Terra. 1981, p.79.

GOHN, Daniel M. Auto-aprendizagem musical: alternativas tecnológicas. São Paulo: Annablume / Fapesp, 2003.

DIAS, Leila M. *Interações nos Processos Pedagógicos-Musicais na Prática Coral: Dois estudos de caso*. Porto Alegre: Tese de Doutorado do Instituto das Artes Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2011

PAIVA, Rodrigo Gudin; ALEXANDRE, Rafael Cleiton. *Bateria e percussão brasileira em grupo: composições para prática de conjunto e aulas coletivas* Itajaí: Ed. do autor, 2010.

VYGOTSKY, L. S. (1984) *A Formação Social da Mente* São Paulo: Martins Fontes.

SILVA, Helena L. *Música no Espaço Escolar e a Construção da Identidade do Gênero: Um Estudo de Caso*. Porto Alegre: Dissertação de Mestrado do Instituto das Artes Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2000

SWANWICK, Keith. *Ensinando Música Musicalmente*. Trad. Alda Oliveira e Cristina Tourinho. São Paulo, Moderna, 2003.

TOURINHO, A. C. G. S. . Cristina. *A motivação e o desempenho escolar na aula de violão em grupo: influência do repertório de interesse do aluno*. Salvador: Dissertação de Mestrado Escola de Música, Universidade Federal da Bahia, 1995.

TOURINHO, A. C. G. S. . Ensino Coletivo de Instrumentos Musicais: crenças, mitos e um pouco de história. In: XVI ENCONTRO NACIONAL DA ABEM E CONGRESSO REGIONAL DA ISME NA AMÉRICA LATINA, 2007, Campo Grande. anais do XVI Encontro Anual da ABEM e Congresso Regional da ISME na América Latina, 2007.